

Essomericq (Içá-Mirim), o primeiro brasileiro a viver na Europa

Irceu Munhoz Junior*

* Professor Waldorf, Cientista Social, Pedagogo, Especialista em História do Brasil, Mestre em Educação e Doutorando em História na Universidade dos Açores-Portugal.

Resumo

O presente artigo aborda a História de um jovem príncipe Carijó que deixou o Brasil e foi viver na Normandia, em 1505. Chamado pelos franceses de Essomericq, o índio do Novo Mundo viveu até os 95 anos como cidadão francês, reconhecido pelo rei Luís XIV. Deixou 14 filhos e uma vasta descendência que, por ter reconhecida a sua linhagem nobre, envolveu-se matrimonialmente com a nobreza francesa e teve membros atuantes no clero normando. Destacamos, aqui, a seguinte pergunta: Essomericq teria sido o primeiro brasileiro a viver na Europa? Tal estudo tem extrema importância para a compreensão do início dos fluxos migratórios entre Brasil e Europa, no início do século XVI.

Palavras-chave: Viagem de Gonneville; Essomericq; Binot Paulmier; Jean Paulmier; emigração brasileira.

Abstract

This article addresses the history of a young prince Carijó who left Brazil and went to live in Normandy, in 1505. Called Essomericq by the French, the New World Indian lived until the age of 95 as a French citizen, recognized by King Louis XIV. He left 14 children and a vast descendants who, having recognized their noble lineage, became involved in marriage with the French nobility and had active members in the Norman clergy. We highlight here the following question: Would Essomericq have been the first Brazilian to live in Europe? Such a study is extremely important for understanding the beginning of migratory flows between Brazil and Europe, at the beginning of the 16th century.

Keywords: Travel from Gonneville; Essomericq; Binot Paulmier; Jean Paulmier; Brazilian emigration.

Introdução

A História da circulação de pessoas entre Europa e Brasil é antiga, temos um momento em que esses contatos se iniciam e, por consequência, deflagram-se processos de emigração. No caso da vinda de portugueses, sejam degredados, náufragos ou emigrantes, no início do século XVI começou a existir um fluxo de vinda para o Brasil. Isso também aconteceu com franceses, espanhóis e outros europeus que se aventuraram em terras recém-descobertas.

Porém, nossa intenção neste trabalho é olhar a situação reversa: qual a natureza das primeiras idas de nativos das terras brasileiras à Europa? E, a partir dessas pesquisas, deparamo-nos com a História de um jovem índio Carijó, de 14 anos, que teria sido levado para a Normandia em 1505 e por lá viveu sua vida até os 95 anos, constituindo família, gerando 14 filhos e desfrutando da cidadania francesa. Seu nome em Carijó era Içá-Mirim, mas os franceses nunca conseguiram pronunciar tal idioma de forma correta, usando a corruptela de Essomericq para se referirem ao venturoso Carijó que, em tese, pode ter sido o primeiro brasileiro a viver na Europa.

O presente trabalho tem o objetivo de trazer à luz a História de Essomericq, apresentando um pouco de sua vida na França e tecendo considerações relevantes à interpretação acerca do início do fluxo migratório do Brasil para a Europa.

1. A viagem de Gonville e o encontro com os índios Carijós

O êxito de Cabral em sua empreitada para as Índias influenciou o aventureiro normando Binot Paulmier de Gonville a organizar uma viagem em busca de riquezas nessas terras longínquas das Índias, conquistadas por Vasco da Gama.

Gonville estaria em Lisboa quando a cidade celebrou o retorno de Cabral trazendo joias e especiarias, em junho de 1501.

A cidade havia preparado uma grande festa para saudar o retorno de Cabral – celebração que Binot

provavelmente presenciou. Possivelmente foi o impacto da cena que levou Gonneville a elaborar o ousado plano de também chegar à Índia (BUENO, 1998, p. 91-92).

Fez-se pública, também, a notícia de que Cabral havia “achado” terras ao sudoeste do Atlântico. Tudo isso influenciou e motivou Gonneville a organizar uma expedição normanda para as Índias. Ele assim o fez e zarparam do porto de Honfleur, na Normandia, em junho de 1503.

Tal viagem foi fadada a percalços desafiadores e, depois de mais de 40 dias à deriva no Atlântico Sul, encontraram a ilha de Tristão da Cunha e, depois de recuperarem as forças, Gonneville decidiu que não seguiriam mais para as Índias, já que seu projeto estava comprometido.

Foi então que decidiu rumar para oeste, chegando, em janeiro de 1504, em terras do Sul do Brasil, hoje, região de Santa Catarina, precisamente à ilha de São Francisco do Sul, que ficou conhecida como Terra de Gonneville.

A partir daí, ocorrem experiências entre os normandos e nativos Carijós que culminaram na estreita relação de Gonneville com o cacique Arosca, pai do príncipe Carijó, Içá-Mirim. Firmaram laços de confiança durante os seis meses em que viveram juntos.

Gonneville escreveu relatos importantes sobre a convivência com os nativos. Junto com a Carta de Pero Vaz de Caminha, os registros de Gonneville se configuram como um dos primeiros documentos históricos relativos aos povos originários do Brasil.



Fonte: (PERRONE-MOISÉS, 1992, p. 138-139).

2. Arosca confia Içá-Mirim à Gonneville

O cacique Arosca ficou impressionado com o poderio bélico dos normandos, suas espadas e canhões, além das armaduras e aparatos conhecidos pela arte da guerra europeia. O navio *L'Espoir* também impressionou o cacique, que almejou apropriar-se desses instrumentos de guerra para usar contra seus inimigos locais.

Com essa intenção, acordou com Gonneville que enviaria com ele para a Europa o príncipe Içá-Mirim para que aprendesse as novas técnicas de guerra, inclusive a fabricar tais armas, para fortalecer os Carijós.

O acordo previa que Gonneville traria Içá-Mirim de volta à sua casa no espaço de tempo de vinte luas e, assim, em julho de 1504, os normandos zarparam do norte de Santa Catarina de volta para a França, levando, além de peles e penas, o príncipe “Essomericq”.

O jovem Carijó corajosamente seguiu para a França, despedindo-se de sua terra natal, que nunca mais veria. Foi enviado com ele um índio de confiança de Arosca para ser seu tutor, esse era Namoa, que faleceu de febres tropicais ainda enquanto percorriam a costa brasileira.

Essomericq também ficou doente, tanto é que Gonneville achou que ele morreria, tendo ordenado o seu batismo a bordo, para encomendar sua alma aos céus dos cristãos. Entretanto, o jovem Carijó recuperou-se e seguiu firme a viagem.

O episódio do batismo de Essomericq precisa ser um pouco mais explorado, pois aí se vê uma confluência de culturas e destaca-se a sobreposição da fé cristã sobre a religião do Carijó. O capitão Gonneville acredita que a melhora do jovem príncipe se deu devido ao batismo.

Outro aspecto importante foi que, ao batizar o jovem índio, Gonneville deu a ele o seu próprio nome: Binot Paulmier. Com isso, ainda no Atlântico Sul, o destino do jovem carijó começava a ganhar novas formas, moldado pelo cristianismo e pelo civismo francês insipiente.

Depois de enfrentarem desafios na costa brasileira com ataques de nativos antropófagos Goitacazes, numa parada próxima aos estados de Espírito Santo e Rio de Janeiro, tiveram que bater em retirada, em

fuga. Em seguida, aportaram mais ao norte e foram bem recebidos na Bahia, pelos tupiniquins, que carregaram o *L'Espoir* com pau-brasil.

Em seguida, rumaram para os Açores, onde aportaram em março de 1505, no Faial. Essa parada nos Açores foi documentada nos registros feitos pelo capitão Gonnevillle, porém, pouco se anotou além de que se reabasteceram com água e víveres.

Depois dessa parada, foram adiante, sendo recebidos por piratas, já em águas do Canal da Mancha. O *L'Espoir* foi afundado e apenas 28 homens chegaram a Honfleur a nado, entre eles, Essomericq.

Seria esse o momento em que um Carijó – brasileiro – pisava a Europa pela primeira vez? Como decorreu sua vida na França?

3. Içá-Mirim – Essomericq – Binot

Voltemos um pouco ao batismo de Essomericq, ainda em mares brasileiros. Alguns homens adoeceram e morreram durante o início da viagem de volta. Namoa faleceu a bordo, como foi dito, Essomericq também adoeceu. Diante dessa situação, o capitão Gonnevillle, considerando que esses eram tão humanos quanto ele e, por isso, teriam almas, decidiu batizá-los para que, caso morressem, adentrassem o reino dos céus.

Interessante destacar que, para Gonnevillle, esses homens de outras terras eram tão humanos quanto eles, os franceses. Nos séculos posteriores, houve um longo debate nas colônias americanas se os nativos ameríndios tinham alma ou não. Esse debate girava em torno da legitimação da escravização dos nativos e tinha interesses mais econômicos do que filosófico-religiosos. Podemos perceber, aqui, que Gonnevillle estava à frente de toda essa polêmica, pois ele não titubeou em considerar os Carijós, ali doentes, como seres dotados de almas, por isso, a decisão pelo batismo e suas decorrentes bençãos, para caso falecessem, como foi o caso de Namoa.

Vê-se, aí, a fé cristã ativa nas ações dos normandos, como era de se esperar, tratando-se da época. Com o batismo, Essomericq seria renomeado por Binot e, a partir de então, Gonnevillle se dispôs a zelar e cuidar do novo ente familiar, assumindo os cuidados do jovem, daí em diante.

Podemos perceber que o batismo fora já um passo importante no processo de europeização do nativo brasileiro que viria a viver o resto de seus dias na Europa. Ou seja, ele já chegou à França batizado e com um nome cristão. “E parece que o batismo serviu de remédio à alma e ao corpo, porque depois dele o índio melhorou, sarou, e está agora em França”, comenta Gonneville com evidente satisfação” (PERRONE-MOISÉS, 1992, p. 64).

O batismo foi um ato que separou o jovem príncipe de seu passado “selvagem” e abriu as portas para a vida no mundo “civilizado” da Europa.

A partir de 1505, ele passaria a viver como Binot na região da Normandia, onde seu tutor Gonneville tinha família e posses.

A chegada de Gonneville de volta à França foi uma aventura à parte. Ele teve que lançar seu navio nos recifes da região para poder escapar dos piratas bretões. Dos 60 homens que partiram para a expedição apenas 28 retornam à Normandia.

O *L’Espoir* vinha carregado de pau-brasil, plumas, animais exóticos, objetos colhidos na viagem, ou seja, tudo estava perdido, pilhado ou afundado no mar gelado do Norte. A única prova viva de suas aventuras que trazia consigo era o jovem Carijó.

De tudo o que Gonneville trazia, das Novas Terras das Índias, só lhe restava seu afilhado, raridade não comerciável, mas prova viva de sua extraordinária aventura. E por todos os lugares por que passavam, o índio era alvo de grande curiosidade, “por não ter jamais havido em França personagem de tão longínquo país” (PERRONE-MOISÉS, 1992, p. 71).

4. A vida do índio Carijó na Normandia

Içá-Mirim, que por hora fora Essomericq, agora será chamado de Binot. Em março de 1505, já era morador da região do porto de Honfleur. Como teria sido sua adaptação? Nunca saberemos detalhes, porém algumas informações chegaram até nós.

Parece que Gonnevillle não tinha filhos, afeiçoou-se cada vez mais a Binot, tratando-o com responsabilidade e carinho. Gonnevillle sabia que nunca mais ele retornaria à sua terra natal, sentia-se culpado por isso, desta forma, tentou prover o melhor para o jovem Carijó.

Em 1521, Gonnevillle arranjou casamento para Binot. A noiva era provavelmente sua parente, talvez sobrinha. A união foi frutífera, eles tiveram 14 filhos e a descendência do índio brasileiro será assunto deste trabalho um pouco mais adiante.

Antes de morrer, Gonnevillle deixou ao afilhado Binot o direito de usar seu sobrenome Paulmier, assim como, também, heranças materiais e o direito de usar o brasão da família.

Gonnevillle, segundo a autora Leyla Perrone-Moisés, teria feito tudo isso para redimir-se por nunca ter conseguido cumprir a promessa feita ao cacique Arosca de levar seu filho de volta.

A mesma autora citada acima afirma algo que vai ao encontro da tese levantada na introdução deste artigo: “Essomericq era o primeiro brasileiro e provavelmente o primeiro americano em solo francês” (PERRONE-MOISÉS, 1992, p. 162).

Ele teria vivido entre os normandos, em aldeias de casas feitas de pedra e madeira, com tetos inclinados, cercadas por prados verdes com árvores distintas àquelas de sua terra, animais nunca vistos antes, pessoas brancas, coradas e gordas, vestidas com muita roupa, que se acotovelavam para vê-lo.

Gonnevillle proporcionou a Binot uma vida conforme a do senhorio normando do século XVI. Há breves relatos do cotidiano desse “imigrante” brasileiro tão importante.

Afora o fato de estar abrigado numa sólida casa de pedra, o Carijó não deveria sentir-se excessivamente estranho. A vida no solar não oferecia, afinal, diferenças tão relevantes como a vida numa casa da aldeia Carijó. Era uma vida comunitária misturando agricultores (os camponeses) e “caçadores” (os aristocratas), que exibiam suas armas e seus troféus, e se aqueciam ao pé do fogo ouvindo narrativas de seus mitos. os ofícios religiosos nas igrejinhas de madeira cujos tetos tinham a exata forma de um casco de nau invertido,

deviam lembrar ao índio que ele estava do outro lado da “grande água” atravessada (PERRONE-MOISÉS, 1992, p. 163).

Quanto à alimentação, a carne assada e os modos não refinados dos moradores locais não tornavam Binot tão discrepante. Ele teve que se adaptar a consumir leite de vaca e seus derivados. Inclusive, também, a não se espantar com a própria vaca, que lhe era um animal muito estranho.

Outro aspecto que assemelhava a vida na aldeia normanda da vida na aldeia Carijó eram as festividades. A vida social era repleta de festas religiosas, festa das colheitas, casamentos, tudo com muita música e dança.

Até aí, os hábitos dos franceses poderiam ser abstraídos por Binot, ou causar-lhe poucas dificuldades de assimilação ou convivência. Porém, outros hábitos, provavelmente, foram-lhe mais difíceis para adaptar-se.

A questão da vestimenta seria um desses casos. Os Carijós não andavam nus, porém, usavam poucos adornos ou vestimentas. Podemos imaginar Binot às voltas com tantas roupas e seus protocolos de uso. Consideramos esse aspecto algo que deva ter complicado sua convivência na França, segundo a autora já citada.

Outro fator complicador eram os hábitos de higiene. Podemos acreditar que o índio Carijó procurou pelos riachos e rios normandos, nas estações mais quentes, para seus banhos. Sabemos que os franceses se banhavam raramente, mas os índios tinham o costume de tomar banhos diários em rios de água doce.

Confiamos que o que tenha causado grande desconforto ao venturoso Binot tenha sido o clima. Ele chegou à Europa na primavera, mas imaginamos o seu terror ao perceber a natureza enregelar-se com a chegada do inverno.

Porém, se Binot viveu até os 95 anos, supomos que tenha se adaptado e superado todas essas dificuldades.

Aos 31 anos, quando se casou com a parente do capitão Gonneville, provavelmente já estaria integrado à vida social e “natural” da região.

Ao contrário do destino de outros índios que foram levados para a Europa no século XVI, Binot viveu desfrutando de riquezas e posses, como nobre e abastado cidadão francês.

Temos relatos de testemunhas oculares da vida do índio Carijó na França, ele teria sido o primeiro entre vários outros que o seguiram. Entretanto, não há registros de depoimentos de Essomericq – Binot – em toda a sua longa vida. Ou seja, não lhe foi dado o direito de relatar suas impressões sobre os próprios acontecimentos de sua vida. Quem contou a História de Essomericq foram os franceses.

Uma informação importante que pode ter decorrido da ida de Içá-Mirim para além da “grande água” é o fato de os Guaranis quererem seguir, por livre e espontânea vontade, junto com embarcações que passaram pelo Brasil no início do século XVI. Há relatos de navios portugueses e franceses que voltaram para a Europa abarrotados de índios que seriam usados como escravos, mas que, por parte dos índios, estavam indo felizes. Atribui-se essa postura a uma lenda Guarani, que diz que eles poderiam encontrar vida melhor caso mudassem de terra.

No caso específico de Içá-Mirim, ele foi pela vontade do pai e sem se negar em nenhum momento. Não foi levado à força e teve um destino abastado na França. Caso especial e importante.

Podemos, então, estar diante de um caso muito importante para a História dos emigrantes brasileiros, ou seja, podemos ter chegado ao primeiro brasileiro a viver na Europa. Diante disso, tal pesquisa se faz ainda mais relevante e merece mais dedicação em busca de novas descobertas.

5. A descendência de Binot de Paulmier (Essomericq) – sua linhagem nobre

O índio Carijó teve longa vida na França, desfrutou de alguns privilégios e mordomias, há, também, muitas lacunas e perguntas sobre sua vida na Europa. Pouco se documentou e não houve a escuta de Içá-Mirim. Como ele teria se relacionado com mudança tão significativa de vida? Um relato do próprio Essomericq teria muita valia para nossa pesquisa, mas não o temos.

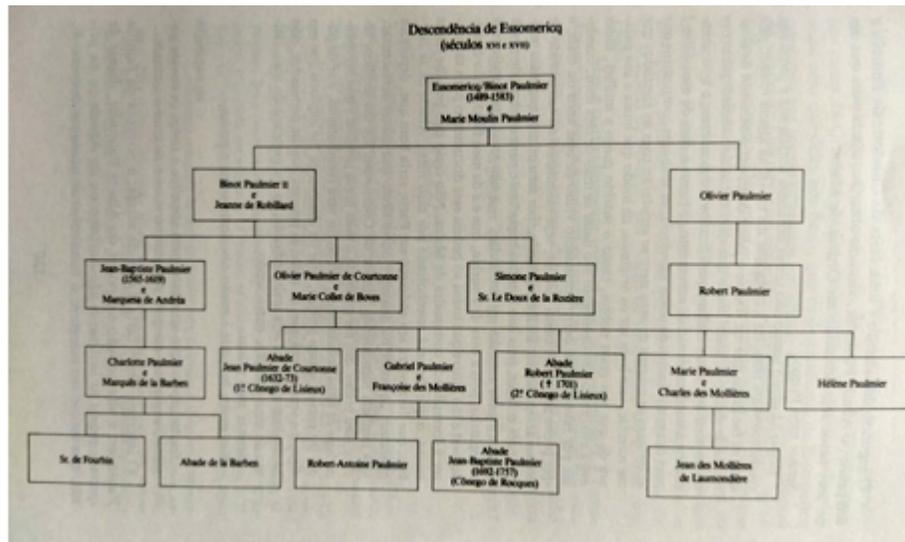
Podemos chegar a informações por meio de seus descendentes, inclusive, há, no presente, uma senhora na França, com a qual estamos trocando *e-mails*, que se diz descendente do Carijó e procura resgatar sua memória.

Seguiremos essa investigação trazendo à luz breves relatos sobre franceses com sangue Carijó, descendentes de Binot Paulmier, o Içá-Mirim.

Há um aspecto que precisamos considerar: os descendentes de Içá-Mirim conheciam suas origens e sabiam que eram descendentes de um rei de terras austrais, sendo assim, carregavam em sua linhagem, sangue nobre. Binot-Essomericq era um príncipe e os cidadãos franceses que se relacionaram com seus descendentes levaram isso em consideração. Até mesmo o próprio rei francês, Luís XIV, em 1658, reconheceu isso, ao perdoar uma dívida cobrada aos estrangeiros em França, o imposto de advena.

Poderemos ver que filhos e netos de Binot-Essomericq se casaram com membros da nobreza francesa, seguindo certa tradição de casamentos entre linhagens reais, pois consideraram os herdeiros de Binot-Essomericq como membros de uma nobreza brasileira.

A seguir, um organograma para compreendermos melhor sua descendência.



Fonte: (PERRONE-MOISÉS, 1992, p. 129).

Dos quatorze filhos de Essomericq-Binot, só um continuou a linhagem masculina. Chamava-se, também, Binot Paulmier (o terceiro contando o Capitão), e casou-se com a aristocrata Jeanne de Robillard, de quem teve vários filhos. O mais velho, Jean-Baptiste Paulmier, foi Presidente dos Tesoueiros de França na Provença e era casado com a Marquesa de Andréa; foi este que carregou os documentos originais da família para o Sul da França, conforme se explicou na pendência relativa ao imposto de advena. Sua irmã, Simone Paulmier, também citada naquele processo, casou-se com o Sieur Le Doux, senhor de la Rozière. E seu irmão caçula, Olivier Paulmier, senhor de Courtonne, casou-se com a Damoiselle Marie Collet de Boves, que encabeçava a lista dos apelantes no caso do imposto de advena. Vê-se que o índio originário fora considerado como um legítimo príncipe, filho de chefe que era; e que sua descendência, já na segunda geração, fundira-se perfeitamente na aristocracia francesa (PERRONE-MOISÉS, 1992, p. 114).

Como podemos observar acima, tanto no organograma, quanto na citação da autora Leyla Perrone-Moisés, os descendentes do índio Carijó tiveram boas relações com a aristocracia francesa e se uniram matrimonialmente, em diversos casos.

Graças a um de seus descendentes, Jean Paulmier, podemos seguir com o presente estudo.

7. O Abade Jean Paulmier

Olivier Paulmier e Marie Collet tiveram cinco filhos: Jean, Gabriel, Robert, Marie e Hélène. O primeiro foi o mais importante, porque, graças a ele, nossa história continua.

Jean Paulmier nasceu em 1632 e, desde cedo, demonstrou vocação para a vida religiosa.

Outra coisa pela qual se interessava era a fantástica história de seu bisavô, o índio Carijó. Aos 16 anos, já tinha lido a “Relação” de Gonnevillle e redigido um memorando sobre as descobertas de Gonnevillle e sobre a

conveniência de a Igreja enviar missões para salvar as almas dos pagãos de terras austrais.

Jean, por causa de sua família influente e abastada, teve os melhores professores de sua época, em suas terras. Foi aluno de Vicente de Paula, que viria a ser canonizado Santo pela Igreja Católica. Vicente de Paula prometeu a Jean levar o seu texto ao Papa, mas faleceu em 1660.

Em 1658, Jean Paulmier, aos 26 anos, já era cônego na catedral de Lisieux, importante igreja da Normandia.

Nos anos seguintes, o cônego Jean continuou escrevendo e expondo, à nata do clero, a História de Gonnevillle e seu bisavô príncipe Carijó.

Os escritos de Jean Paulmier interessaram muitas personalidades importantes da época. O geógrafo e explorador que ajudou na colonização de Madagascar, Etienne de Flacourt (1607-1660), interessou-se muito por uma empreitada nas terras austrais citadas pelo religioso, mas morreu antes de colocar seus planos em prática.

O memorando escrito por Jean Paulmier tornou-se um raro livro de 216 páginas, com o título: *Memorando que trata do estabelecimento de uma Missão cristã no Terceiro Mundo, também chamado de Terra Austral, Meridional, Antártica & Desconhecida – Dedicado a Nosso Santo Padre o Papa Alexandre VII por um Eclesiástico originário dessa mesma Terra -1663.*

A dedicatória ao Papa ocupa dezoito páginas e o cerne dessa obra aborda o desejo de cristianizar os nativos das terras brasileiras.

No livro, o Abade fala da viagem de Gonnevillle, das aventuras ao Sul do Atlântico, da experiência com os Carijós, da confiança estabelecida entre Gonnevillle e o rei Arosca, das intenções desse rei ao enviar seu herdeiro à França. Fala, também, do batismo de Essomericq e como isso salvou a vida do indiozinho.

No mesmo ano da publicação do livro de Jean, o rei Luís XIV estava envolvido e dedicado aos progressos da “Nova França” no Canadá, por isso pouco se fez pela Missão proposta pelo religioso.

Jean Paulmier estava participando do Congresso de Colônia, entre 1673-74, quando veio a falecer, ainda em 1673, em circunstâncias ignoradas.

Não sabemos se seus escritos, de fato, foram lidos pelo Papa. Ele deixou inúmeros outros documentos. A catedral de Lisieux teve ainda três cônegos descendentes do índio brasileiro. Em 1900, ainda havia

relatos de descendentes de Essomericq na França, alguns ao Sul, na região de Provença, mas não possuíam mais o sobrenome Paulmier ou Gonneville.

Recentemente, foram publicadas na internet, para ser mais preciso, num blog chamado, em francês *Sur les traces d'Essomericq: a la recherche de mon ancêtre, le premier Indien du Brésil qui a découvert la Normandie, en 1505*, artigos voltados à memória e curiosidades sobre Essomericq. Quem publica é Dorothee de Linares, que se diz descendente do príncipe Carijó.

Percebemos o quanto essa História ainda está presente na França, inclusive com descendentes vivos que procuram saber mais e, também, contar a saga do príncipe Carijó, que teria sido o primeiro brasileiro a viver na Europa.

Desta forma, mais uma vez, destacamos a relevância de tal pesquisa para as ciências que estudam os fluxos migratórios entre o velho e o novo mundo, desde o século XVI.

Considerações Finais

Estamos aqui diante de um fato histórico significativo para iniciarmos uma investigação sobre o processo de migração de brasileiros para a Europa.

Evidenciamos, neste artigo, o caso do venturoso índio Carijó, Içá-Mirim, que viveu como cidadão francês, na região de Honfleur, Normandia, entre 1505 e 1586, deixando 14 filhos e descendentes que se casariam com pessoas da nobreza francesa e seriam importantes membros do clero local, inclusive tendo sua linhagem nobre reconhecida pelo poderoso “rei Sol” francês, Luís XIV.

A biografia de Içá-Mirim – Essomericq – Binot, trata-se de História documentada, reconhecida pelas autoridades francesas. Apesar de soar como algo “romanesco”, estamos diante de evidências históricas que nos dão subsídios concretos para tal pesquisa.

Há uma publicação em francês, que traz as memórias e os registros das aventuras do capitão Gonneville em terras brasileiras. Temos, também, autores e historiadores brasileiros, reconhecidos por suas contribuições à historiografia brasileira, que trazem informações

sobre o jovem príncipe Carijó e sua ida, para não mais voltar, para a Normandia. Ou seja, diante dos registros dos seus descendentes na França, documenta-se uma linhagem nobre brasileira vivendo legalmente naquele país, inclusive ratificada e reconhecida por um rei. Com isso, podemos afirmar que o índio Carijó e seus descendentes foram reconhecidos e até hoje há franceses oriundos dessa linhagem.

Desta maneira, temos documentado que um nativo do Brasil foi viver na França em 1505, provavelmente, como algumas afirmações encontradas nas bibliografias, teria sido o primeiro nativo das terras do Atlântico Sul a viver na Europa.

O presente artigo fomenta o interesse na História de Essomericq e abre um horizonte para a pesquisa do processo reverso do fluxo migratório entre Europa e Brasil, ou seja, há bastantes informações sobre o início da emigração europeia para o Brasil, principalmente portuguesa, porém, temos poucas informações sobre as idas de nativos do Brasil para a Europa, em caráter migratório e não escravista.

Convém deixar isso claro, estamos nos referindo àqueles brasileiros que seguiram para a Europa no início do século XVI, de forma espontânea, estabelecendo-se ali como cidadãos e vivendo por lá, sem mais voltar. Sabemos que muitos ameríndios foram levados à força para a Europa e mesmo alguns foram livremente, mas encontraram destinos servis tendo sido explorados pelos europeus de diversas formas.

Içá-Mirim viveu como nobre, com posses e reconhecimento civil. A natureza de sua vida como cidadão francês realmente difere da grande maioria dos casos de índios que para a Europa foram levados nesse período.

Como foi dito por um respeitado professor do presente doutoramento, para o qual este artigo foi elaborado, a investigação acerca da História Contemporânea se assemelha ao jornalismo, e, nesse sentido, deparamo-nos com uma cidadã francesa que se diz descendente do índio Carijó, Essomericq, e mantém ativo um *site* onde partilha e procura mais informações sobre seu antepassado.

A História do venturoso príncipe Carijó se manteve viva até os dias de hoje, e o trabalho investigativo científico continuará a buscar mais informações sobre a vida desse importante personagem brasileiro do início da Idade Moderna. Assim, reconhecemos na biografia de Içá-Mirim, a gênese do impulso genuíno do processo de globalização criado pela circulação de pessoas a partir de então.

Referências

BUENO, Eduardo. *Náufragos, traficantes e degredados: as primeiras expedições ao Brasil: 1500-1531*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.

CAMINHA, Pero Vaz de. *Carta a El Rei D. Manuel*. São Paulo: Dominus, 1963.

COSTA, João Paulo Oliveira; LACERDA, Teresa. *A interculturalidade na expansão portuguesa (séculos XV-XVIII)*. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas, 2007.

COSTA, João Paulo Oliveira; RODRIGUES, José Damião; OLIVEIRA, Pedro Aires de. *História da Expansão e do Império Português*. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2014.

D'AVEZAC, Par M. *Campagne du navire L'Espoir de Honfleur 1503-1505: relation authentique du Voyage du capitaine Gonneville ès nouvelles terres de Indies*. Paris: Challamel aîné Libraire-Éditeur, 1869.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Vinte Luas: viagem de Paulmier de Gonneville ao Brasil: 1503-1505*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SANTOS, Silvio Coelho dos; NACKE, Aneliese; REIS, Maria José (Org.). *São Francisco do Sul: muito além da viagem de Gonneville*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2004.

SIMÕES, Henrique Campos. *As Cartas do Brasil*. Ilhéus: Editus, 1999.

TEIXEIRA, Dante Martins; PAPAVERO, Nelson. *Os primeiros documentos sobre a história natural do Brasil (1500-1511): viagens de Pinzon, Cabral, Vespucci, Albuquerque, do Capitão de Gonneville da Nau Bretoa*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2002.

Webgrafia

Sur les traces d'Essomericq: a la recherche de mon ancêtre, le premier Indien du Brésil qui a découvert la Normandie, en 1505: Contact – Sur les traces d'Essomericq Disponível em: https://essomericq.com/contact/?contact-form-id=3&contact-form-sent=1012&contact-form-hash=e8f866cfb9b753122fb84c7a28a6c051fd259b43&_wpnonce=ce66f21b14#contact-form-3. Acesso em: 31 jul.22.